



Platão, personagem ausente: entre objetividade narrativa e ficção

Plato, absent character: between objective narrative and fiction

David Junio Moraes¹
Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: O presente estudo propõe problematizar aspectos narrativos da obra de Platão. No *Fédon*, por exemplo, o nome do próprio autor é mencionado como um personagem ausente na cena dramática por questões que, acredita Fédon interpelado por Equécrates, sejam de doença. O texto platônico, considerado em suas feições narrativas, apresenta-se envolvido sob uma névoa de realidade aparente, por assim dizer, sendo talvez a forma dramática dos diálogos a responsável por conferir a seus relatos certa verossimilhança. Sublinhando aqui a ausência de Platão na cena por ele próprio configurada no *Fédon*, o que se pode pensar do real significado da obra de Platão? Poderíamos tomar seus escritos meramente como relatos fidedignos do que ouvia ou do que teria vivenciado no círculo dos amantes do saber? Como lidar com a suposta objetividade narrativa muitas vezes imputada ao seu texto? Ao se retirar da cena dramática, não estaria abstando-se das possíveis imprecisões dos fatos relatados? Ou, ainda: Platão estaria insinuando que a trama da narração era fictícia? A rejeição sistemática de um suposto caráter autobiográfico dos diálogos parece consistir bem mais numa estratégia narrativa, no sentido de nos convencer que seu texto não é simplesmente uma narrativa subjetiva, mas trata-se, antes, de uma ficção que se constrói sobre circunstâncias factuais.

Palavras-chave: Platão; *Fédon*; narrativa e ficção.

Abstract: This article aims to problematize narrative aspects of the Plato's work. For example: in the *Phaedo* the author's own name is mentioned as a character missing in the dramatic scene for issues of disease. The Platonic text, considered in their narrative features, is wrapped under a haze of apparent reality, so to speak, being perhaps the dialogic form responsible for conferring to their reports certain verisimilitude. Emphasising here the absence of Plato in the scene by himself configured in the *Phaedo*, what can we think of the real meaning of the work of Plato? We could take his writings merely as trusted reports that he would have experienced in the circle of lovers of knowledge? How to deal with the alleged objectivity narrative often imputed to your text? The constant absence of Plato at the dramatic scene, wouldn't be eschewing possible inaccuracies of the reported facts? Or: Plato would be waving that the plot of the narration was fictional? The systematic rejection of a supposed autobiographical character of the dialogue seems to be a narrative strategy, or a way to convince us that your text is not simply a subjective narrative, but it is a fiction that is built on the factual circumstances.

Keywords: Plato; *Phaedo*; narrative and fiction.

“Se esta história não existe, passará a existir.”

[Clarice Lispector; *A hora da estrela*]

É frequente, ao longo da tradição filosófica, a abordagem do conceito de sujeito a partir desta ou daquela teoria filosófica. Busca-se apreender a noção de sujeito ou de subjetividade exposta num texto, e como tal noção repercute dentro de um dado sistema ou escola filosófica. Desse modo temos, na história da filosofia, vasto repertório descritivo

¹ Mestrando em Estética e Filosofia da Arte.

e crítico, debruçado sobre a discussão dos conceitos de sujeito e de subjetividade. No entanto, pouca atenção é dada, como chama atenção Jeanne Marie Gagnebin (2006), ao sujeito que se apropria da palavra, o emissor da teoria filosófica: costuma-se tratar do *sujeito segundo* uma teoria ou autor, e não do *sujeito do* discurso, ou como se apresenta aquele que discorre sobre um tema qualquer. Tomando essa observação como introdução ao problema maior acerca da relação entre a voz que enuncia um discurso filosófico e as posições do autor e do narrador firmadas também em outras formas discursivas como a poesia, propõe-se, aqui, pensar o sujeito do discurso filosófico de Platão. Para tanto, devem ser considerados aspectos de sua construção narrativa, na busca de entender como o modo de enunciação do filósofo se coloca dentro da própria obra, bem como ela se situa entre as outras narrativas correntes em seu tempo, nas quais o autor parece deixar clara sua intenção ao narrar.

O discurso poético, no caso, fornece o grande modelo de autor, narrador e, por conseguinte, de educador, reconhecido no tempo da emergência da filosofia socrático-platônica. Temos, então, neste ponto, uma primeira intenção que pode ser identificada nesse modo de discurso ou enunciação – uma intenção pedagógica, no sentido de transmitir aos novos a tradição e os feitos heroicos precedentes. Luc Brisson apontara que o poeta, na condição de “educador”, “dá forma e transmite *aquilo que faz* a identidade de uma comunidade, sua consciência e sua cultura” (BRISSEON, 2014, p. 22. Grifo meu.). Werner Jaeger, em sua indispensável

Paideia, comentara que essa concepção do poeta como educador “foi familiar aos gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável dessa concepção geral e, por assim dizer, a sua manifestação clássica” (JAEGER, 2013, p. 60). Conecta-se ao caráter de educador atribuído ao poeta sua intenção de fazer justiça à memória dos personagens heroicos para o mundo grego. Novamente com Jaeger, pode-se admitir que o “coração do poeta está com os homens que representam a elevação da sua cultura e costumes”, e que a “contínua exaltação que se faz das suas qualidades tem, sem dúvida, uma intenção educativa” (JAEGER, *op. cit.*, p. 43). O poeta propõe-se a erguer um monumento aos prodígios dos heróis, cantando sua glória (*kléos*) e mantendo sua lembrança viva na cultura, salvando-os do esquecimento eterno, muito pior, em tal contexto, do que a morte física.

Pois bem, o discurso filosófico de Platão surge, aqui, tanto como uma forma discursiva que declara oposição a outras práticas de fala e escrita estabelecidas à sua época – pois a figura do filósofo não só vai se opor a do poeta, mas também ao sábio, ao retor e ao sofista –, quanto se esforça por instaurar um discurso não menos paradigmático nem menos memorável, na medida em que, ao ressaltar a especificidade da filosofia e da atividade do filósofo, elegerá Sócrates como modelo, narrando, por assim dizer, seus “feitos heroicos”, afirmando sua dignidade, e sua distinção frente aquelas figuras instituídas. É notável que um dos

traços comuns a todo diálogo socrático² é que ele,

[...] quer seja composto por Platão, Xenofonte ou Ésquines de Esfeto, não tem por finalidade inculcarmos uma doutrina [...] mas apresentarmos uma imagem, a imagem radiosa do filósofo assassinado, defender e perpetuar a sua memória e, dessa maneira, trazer-nos a sua mensagem. (KOYRÉ, 1984, p. 10)

Entretanto, o esforço de Platão ao se lançar como autor de um discurso com essas pretensões – quais sejam: fazer frente a um discurso estabelecido e que se impõe sem crítica, e lançar Sócrates como modelo de vida filosófica – não é apenas o de realçar os aspectos específicos à prática discursiva da filosofia, mas vencer o risco de que seu discurso pudesse ser assimilado a outros tipos de enunciação bastante conhecidos do público. Ao pretender apresentar um discurso valendo-se da narrativa e da descrição de um modelo de vida, sua filosofia poderia ser tomada como uma atividade, se não idêntica, ao menos muito próxima da do canto dos poetas, que também narravam e apresentavam modelos de vida; ou, pior, colocaria em perigo a mestria socrática, que

² De um modo geral são considerados exemplos de “diálogos socráticos” o conjunto dos diálogos escritos, sobretudo por Platão, e que normalmente são situados como as primeiras produções do filósofo (diálogos de juventude) bem como as imediatamente seguintes (diálogos de maturidade). Argumenta-se que nesses diálogos, diversamente do que ocorre nos chamados diálogos de velhice, Sócrates desempenha um papel central. Também é característico dos diálogos socráticos o interesse por problemas morais e, ainda, o aspecto inconcluso das investigações, isto é, seu traço aporético. Ver também, sobre essa discussão: VLASTOS, G. (1991). “Socrates *contra* Socrates in Plato”. In: _____. *Socrates: ironist and moral philosopher*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 45-80.

poderia ser confundida com a postura de sofistas famosos – lembrando que tanto sobre Sócrates quanto sobre Protágoras pesavam acusações semelhantes: o ateísmo e uma influência distanciada das pautas tradicionais entre os mais jovens. A pertinácia de Platão em firmar o título de filosofia para a atividade de Sócrates, bem como a consideração de que seu discurso é filosófico, e não é, portanto, poético ou sofístico, chama atenção para a dificuldade e a necessidade dessa distinção. As noções de sujeito do discurso e autoria serão importantes nesse âmbito para pensar o desempenho de Platão no que diz respeito a essa distinção imperativa.

Seguindo a proposta de Gagnebin (*op. cit.*), vale examinar alguns traços que definem as atribuições do sujeito/autor da poesia épica e do sujeito/autor do diálogo filosófico platônico. O convívio conturbado que a obra de Platão entretém com a obra homérica, por um lado, e com o discurso sofístico por outro, pode ser descrito como uma relação que envolve amor e ódio, admiração e crítica, consideração e desconfiança. No texto da *República*, por exemplo, são dirigidas críticas à influência de Homero na formação do caráter do indivíduo, não sem o personagem Sócrates reconhecer a participação de Homero na sua própria formação; na mesma direção vemos declarada hostilidade à atividade dos sofistas uma vez que estes se ocupam da formação dos mais jovens, mas seus interesses são mercenários, como caracterizado no *Sofista*.³

³ Na *República* são dirigidas críticas à influência de Homero na formação do caráter do indivíduo,

No caso específico da poesia, Platão delinea com diversas informações o domínio do poeta épico, e também o transforma. Nesse sentido, Gagnebin (*op. cit.*) aponta que Platão realizaria uma dupla transformação: tanto da função da memória quanto da função do autor ou do sujeito emissor do discurso. Com relação à memória, Platão não somente parece investido na preservação de uma imagem socrática, quanto acaba indo, sobretudo, além disso, ao empreender um discurso bem mais de defesa da dignidade de seu personagem. A outra mudança incorporada na obra de Platão consistiria na alteração de tonalidade da voz que emite a palavra, redefinindo assim a força de enunciação da palavra em termos de transmissão da verdade. A prosa platônica estaria propondo, sim, uma narrativa ou um discurso com grandes pretensões, mas não amparada num lugar sagrado de enunciação a fim de se estabelecer entre os diferentes discursos.

A palavra poética, sob a perspectiva tradicional, ao expressar a rememoração e o louvor contra o esquecimento e a morte, acaba por conferir ao poeta o título de “mestre da verdade” (*a-létheia*) e adorna sua função de uma força tanto religiosa, por sua ligação às origens e aos mortos, quanto técnica, pelo domínio da memória e das técnicas de memorização. As formas pré-filosóficas de discurso pertenciam sobretudo

à ordem do *dizer* – função narrativa da palavra – e não da *elaboração* que constituirá a composição platônica – intenção demonstrativa da palavra. As formas tradicionais apresentavam suas concepções de mundo dogmática ou liricamente através de poemas ou lições, impondo-se como boas ou verdadeiras; discorrendo acerca dos fatos, o *dizer* bastava-se a si mesmo. Os enunciados revelados religiosamente vão experimentar, pois, a situação de um dizer injustificado, exatamente porque não explicam a razão de dizer isto em lugar daquilo, ao serem confrontados com um espaço público que se transforma: onde a palavra ganha cada vez mais importância e atenção.

A esta altura, Platão parece compreender a necessidade de rever o estatuto do discurso. Ao buscar isso, a proposta platônica será a elaboração de um discurso que se constrói e acontece como uma construção, que procura superar o que se estabelece e se impõe de maneira injustificada e sem discussão. Ocorre que, num momento em que a palavra (*lógos*) está alojada no domínio do discurso público, a palavra poética, situada no domínio divino-religioso, vai se encontrar em desvantagem em relação ao *lógos*. A autoridade do discurso filosófico, portanto, não poderá permanecer amparada na autoridade do sujeito de enunciação, na autoridade do autor. Isso já era prerrogativa de legitimação do discurso poético, uma vez que o autor poeta era inspirado diretamente pelas Musas. Soma-se a isso o fato de a escrita platônica, como lembra Donald Schüler, romper

não sem o personagem Sócrates reconhecer a participação de Homero na sua própria formação; na mesma direção vemos declarada hostilidade à atividade dos sofistas uma vez que estes se ocupam da formação do mais jovens, mas seus interesses são mercenários, como caracterizado no *Sofista*.

compromissos com a memória, “recurso de poetas para legitimar os versos com a autoridade das Musas”, substituindo “a memória pelo texto escrito, ambíguo, lacunoso, feito para refletir e não para recordar” (SCHÜLER, 2001, p. 17-18). Por esse aspecto, Platão parece bem mais preocupado em preservar vigorosa a inventividade socrática, pouco se importando em atestar as palavras de seu mestre de maneira documental, o que também, vale observar, abre caminhos para uma filosofia muito mais próxima da ficção.

De acordo Michael Erler, a maneira como Platão compõe sua narrativa envolve historicidade e ficcionalidade, chamando atenção o seu esforço em “ancorar as conversas de um modo bastante impressionante no mundo da vida, dando aos seus diálogos a aparência de autenticidade” [...] (ERLER, 2013, p. 72). Os diálogos partem sempre de situações concretas do cotidiano, situações verossímeis da vida em que os personagens estão envolvidos, e, destas situações, constrói-se um caminho, no decurso do qual pode já não mais importar o que cada um dos personagens representa, mas o discurso que se exprime por meio deles. O ponto é tal que já não é de si próprios que os personagens falam nem são mais suas opiniões que exprimem; eles fazem falar uma outra realidade que é o discurso ele mesmo. E o autor, ausente do próprio discurso, só parece intensificar que discurso fale por si. Ao ausentar-se da cena dramática dos diálogos, Platão parece querer, por essa estratégia de ocultamento, não somente permanecer ausente de sua

produção escrita, mas fazer com que a validade de seu discurso independa de seu lugar como autor, quanto menos como testemunha de algo.⁴ No *Fédon*, teríamos de algum modo exposta essa intenção quando da justificação para a ausência de Platão na cena dramática, na lista dos amigos que visitaram Sócrates na prisão, no último dia da vida do mestre. Satisfazendo a curiosidade de Equécrates sobre os que estiveram ao lado de Sócrates naquele momento, Fédon responde: [...] “Além do mencionado Apolodoro estavam lá, de sua terra, Critobulo com seu pai, e também Hermógenes, Epígenes, Ésquines e Antístenes. Lá se encontravam ainda Ctesipo de Peânia, Menexeno e alguns outros da mesma região. Platão, creio, estava doente” (Pl. *Phd.* 59b).

Esta passagem, como tudo ou quase tudo na obra de Platão, se assim é possível afirmar, não está ali por acaso. A brevíssima menção do nome do autor numa justificativa para sua ausência pode motivar um sem número de questões, como tem servido de

⁴ Mesmo quando presente na cena dramática, não se ouve a voz do personagem Platão nem é descrita qualquer ação sua. Vlastos (1991) observa que a *Apologia* (Pl. *Ap.* 34a; 38b) consiste numa exceção; nela, Platão surpreende ao chamar atenção para sua presença no julgamento de Sócrates. A presença do autor, mesmo que furtiva, na cena por ele descrita, seja como for, contribuiu para algumas defesas acerca do valor histórico e documental da *Apologia*. No entanto, segundo Erler (2013), não teríamos o direito de tomar este escrito como um documento histórico; a própria figura de Sócrates incorpora componentes considerados históricos, mas conjugados com a idealização que Platão elabora como traços do verdadeiro filósofo. De todo modo, Platão permanecerá sempre ausente como personagem em toda a obra posterior à *Apologia*, embora não seja também certo que esse texto seja um dos escritos da primeira fase criativa do filósofo (HEITSCH, 2002, p. 177-180 *apud* ERLER, *op. cit.*, p. 108).

ponto de partida para os apontamentos do presente e pequeno estudo. É possível que a disposição para o filosofar em Platão, sobretudo por sua dedicação em escrever diálogos filosóficos, a despeito de toda ressalva com relação à escrita, advém não apenas da busca apaixonada pela verdade, como também do dever, pode-se dizer, que a obra de Platão assume em defesa da memória, da honra e do *kléos* do mestre morto, Sócrates. Isso aparece sobretudo nos diálogos centrados na morte e processo de Sócrates, a saber, a *Apologia* e o *Críton*, também o *Eutífron* e o mencionado *Fédon*. Recapitular tal evento, entre outras coisas, “significa para Platão instituir um confronto entre a cultura tradicional, de onde vinha a maior parte das acusações a Sócrates, e a nova concepção ética introduzida pelo próprio Sócrates, raízes nas quais Platão queria enxertar seu próprio projeto filosófico”, observa Franco Trabattoni (2010, p. 35).

Nesse confronto instituído, Sócrates vai se tornar, ao que tudo indica, o herói da concepção de mundo platônica. De acordo Louis-André Dorion (2011), é indubitável que Sócrates constitui o modelo de piedade no *Eutífron*, e será proposto como modelo de moderação (*sophrosýne*) no *Cármides*, com a coragem acentuada no *Laques*, dotado de observância exemplar às leis no *Críton*, bem como representado com o amigo por excelência no *Lísis*. Mesmo que Platão jamais intervenha diretamente em seus diálogos, como personagem ou como narrador, e os elogios que sustentam Sócrates como modelo de virtude sejam pronunciados pelos variados personagens

que povoam os diálogos, “não temos todavia nenhuma razão séria para duvidar que exprimam a admiração de Platão por seu mestre”, assinala Dorion (*op. cit.*, p. 30).

É interessante observar que a elaboração do personagem Sócrates por Platão caminha em direção diametralmente oposta à elaboração depreciativa que ocorre, notadamente, em Aristófanes. Se o Platão idealiza Sócrates ao exaltá-lo, Aristófanes o idealiza depreciativamente. Tal nota contribui para pensar que ambos os personagens – o Sócrates platônico e o Sócrates aristofânico – são tão possivelmente e amplamente históricos quanto efetivamente personagens fictícios. Se o Sócrates de Platão se comporta no plano da idealidade heroica e trágica, dando forma a um ideal positivo, o Sócrates de Aristófanes habita igualmente esse plano da idealidade criativa, ficcional e literária, produzindo, por seu lado, uma figura de traços cômicos, caricatural, configurando um ideal negativo (COSTA, 2014). Nesse sentido, chama-se atenção novamente para a elaboração e a postura narrativa de Platão, que segue em alguma medida o processo poético de composição e configuração dos personagens dramáticos. Como disse Henri Bergson, ainda com respeito à idealização de Sócrates por Platão, o filósofo “cede continuamente às tendências, a seu temperamento idealista. Transfigura, como poeta, tudo aquilo que toca” (BERGSON, 2005, p. 267).

Na *Apologia*, a defesa da honra socrática escrita por Platão apresenta-se como se transcrevesse a defesa que Sócrates teria feito de si mesmo perante o

tribunal. O personagem Sócrates chega a comparar sua escolha por uma vida empenhada na busca da verdade à célebre escolha de Aquiles na *Ilíada*, não obstante essa escolha tenha lhe acarretado numerosos oponentes, expondo-o, inclusive, à morte. Aquiles, acutelado por Tétis, sua mãe, de que se ele vingasse o amigo Pátroclo com a morte de Heitor, ele mesmo morreria em breve, escolhe permanecer lutando em Troia, malgrado o risco de uma vida curta, contra a possibilidade de retorno à pátria e a espera de uma morte tranquila após uma longa vida (Pl. *Ap.* 28b-d). O herói opta pela glória e pela imortalidade memoráveis na posteridade, em lugar de uma vida longa, mas sem brilho. Tal episódio define toda uma linhagem heroica na qual Sócrates parece ser inscrito manifestamente por Platão. Diante disso, pode-se apontar que Platão assume, em relação à memória do mestre morto, ao menos num período significativo de sua produção escrita, a atribuição apropriada ao poeta com respeito aos heróis mortos: manter vivos sua palavra e seu gesto para a posteridade.

Agora, se a intenção de Platão se assemelha à atividade poética, nesse aspecto sua prosa filosófica parece, entretanto, constituir-se de uma matéria diversa, pois há, em Platão, uma transformação tanto da função da memória como da função do autor. Embora a memória seja essencial para a reflexão filosófica elaborada por Platão, a rememoração da figura de Sócrates, especificamente, é assumida não apenas no sentido de sua preservação, mas, sobretudo, com o intuito

de sua defesa; está em jogo defender a lembrança de um homem julgado e condenado injustamente. Trata-se, portanto, mais de um esforço de reabilitação do mestre, cujo lugar na memória da *pólis* parece não estar assegurado. Cumpre, pois, defendê-lo das acusações que pesam sobre ele, para, enfim, poder celebrar sua memória; defendê-lo das acusações de ateísmo e de ser um sofista (na *Apologia*), ou da covardia e da passividade por não tentar escapar à prisão (a argumentação introdutória do *Crítion*). Platão não pode, então, simplesmente narrar os feitos do passado incorporados à tradição da cidade, deve, antes, construir uma versão diversa do acontecimento recente. Sendo assim, sua voz não pode reivindicar para si aquela função sagrada que ligava o poeta ao passado e às origens. Cabe a ele oferecer e defender uma outra interpretação de um fato singular. E essa diferença de tonalidade implica, por sua vez, uma mudança no estatuto de verdade da palavra. Considerando que a palavra poética, por sua origem inspirada, estava desobrigada a subscrever-se na cartilha que opunha verdade e mentira/ficção, pois o que importava era seu poder mágico e a eficácia efetiva desse poder, a prosa de Platão deve se debater entre “um discurso mentiroso, mas que parece verdade, e um discurso verdadeiro que não consegue impor sua veracidade”, como problematiza Gagnebin (*op. cit.*, p. 198).

O texto platônico, considerado em suas feições narrativas, apresenta-se envolvido sob uma névoa de realidade

aparente, por assim dizer, sendo talvez a forma dramática dos diálogos a responsável por conferir a seus relatos certa verossimilhança, entendida no sentido mesmo de factibilidade. É verdade que um texto ficcional não é um relato factual do que aconteceu, mas aquilo que poderia ter acontecido, e que ao irromper na consciência do escritor, toma a forma de discurso. Os diálogos de Platão consistiriam num gênero muito particular que oscila entre a ficção, o relato subjetivo e a objetividade (ou aparente objetividade) a ser conferida ao relato. Platão teria construído uma ficção sobre uma verdade factual, qual seja, a atividade de Sócrates e as implicações dessa atividade, mediante uma elaborada narrativa: sua perspectiva sobre um fato singular. Para tanto, o filósofo lançou mão de estratégias variadas, no sentido de convencer o leitor de que seu texto não se trata de uma versão subjetiva ou um relato autobiográfico, por um lado, nem tampouco um texto que expõe os fatos sem qualquer elaboração sobre eles, como um relato jornalístico ou de cunho meramente documental, diríamos hoje, que se pretendesse isento de parcialidade. Uma dessas estratégias pode ser aquela sublinhada no *Fédon*, quando da denegação do possível caráter autobiográfico da narrativa, ao colocar na boca de Fédon que, ele, Platão, está ausente da cena dramática constituída pelos momentos derradeiros do mestre, por motivos que, acredita Fédon, sejam de doença. Como se essa fraqueza do sujeito-autor fosse necessária, nas palavras de Gagnebin, “para garantir a força de verdade do discurso filosófico, [...] num gesto

que a tradição filosófica varia de inúmeras maneiras: o sujeito que enuncia o discurso filosófico deve se apagar em proveito da coisa mesma, *tò òn ontós*” (GAGNEBIN, *op. cit.*, p.199).

Platão, ao que sabemos, jamais está presente em seus textos, seja como narrador ou personagem direto. A rejeição sistemática de um suposto caráter autobiográfico dos diálogos, portanto, parece consistir bem mais numa estratégia narrativa, no sentido de convencer que seu texto não é simplesmente uma narrativa subjetiva, mas trata-se, antes, de uma elaboração que visa ultrapassar qualquer garantia fundada apenas na enunciação do sujeito/autor, pois visa a uma verdade que independeria de sua voz. A relação do autor com o texto, que Platão parece propor com tal gesto, pode ser lida em termos de que o autor filósofo não tem a posse do seu discurso, ou ainda, mais radicalmente, que a voz do autor não é por si só capaz de conferir a verdade do discurso. Um problema, porém: não estaria o filósofo, aqui, novamente, em situação semelhante à dos poetas, quando estes afirmam cantar tão somente aquilo que as Musas lhes inspiram? Como o poeta, o filósofo platônico não é soberano no discurso que comunica. O filósofo não faz questão de ser o senhor dos seus *lógoi*, como se eles pudessem ser apropriados com exclusividade.

Diferentemente do poeta, entretanto, o discurso filosófico seria movido pelo próprio *lógos*, sua verdade não está assentada na autoridade e inspiração divinas, mas no esforço da razão. O poeta parece ter uma garantia que o filósofo, de saída, não tem,

pois o sucesso do filósofo dependeria de um exercício, do esforço em conseguir com que o *lógos* fale por si. Nesse sentido, o disfarce do sujeito-autor, ou o estabelecimento de sua ausência (mesmo que ficcionalmente), é o que resguardaria o discurso da filosofia de ser tomado por uma validade meramente subjetiva, permitindo-o outrossim concorrer com os demais discursos cujos valores de verdade são dados por inquestionáveis, como é o caso da poesia. A supressão do sujeito-autor, portanto, “parece ser possível mediante um refinamento extremo da estratégia retórica-literária, por um perpétuo fazer de conta que não há ninguém atrás do palco do diálogo, pois esse palco filosófico seria o próprio real” (GAGNEBIN, 2006, p. 199). Gagnebin indica que essa estratégia platônica confere ainda à filosofia uma distinção digna de nota em relação às práticas retórica e sofística, pois a validade destas não estava amparada na soberania do *lógos* ou no compromisso com o verdadeiro; e afasta a filosofia também do discurso da história, que, com Tucídides, por exemplo, se tornara postulante de uma visão (“racional”) da Guerra do Peloponeso. O gesto ambíguo de Platão enquanto um autor que se oculta, além de original, permanece de certa forma na reflexão sobre a prática discursiva da filosofia, na medida em que a convida a ser um discurso sem sujeito singular, tendo em vista sua busca por uma linguagem que diga a verdade, ou, de outra maneira, deixe a verdade falar por si mesma.

Referências:

- BERGSON, H. (2005). *Cursos sobre a filosofia grega*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo, Martins Fontes.
- BRISSON, L. (2014). *Introdução à filosofia do mito*. 2. ed. Tradução de José Carlos Baracat Junior. São Paulo, Paulus.
- COSTA, A. (2014). De Sócrates a Sócrates: as formas do drama entre Platão e Aristófanes. *Viso: cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 15, pp. 27-34, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=137>>. Acesso em: 01 dez. 2014.
- DORION, L-A. (2011). A figura paradoxal de Sócrates nos diálogos de Platão. In: FRONTEROTTA, F.; BRISSON, L. (Org.). *Platão: leituras*. Tradução de João Carlos Nogueira. São Paulo, Loyola.
- ERLER, M. (2013). *Platão*. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo, Annablume Clássica; Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- GAGNEBIN, J. M. (2006). Platão, creio, estava doente. In: _____. *Lembrar esquecer escrever*. São Paulo, Ed. 34.
- JAEGER, W. (2013). *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes.
- KOIRÉ, A. (1984). *Introdução à leitura de Platão*. Tradução de Helder Godinho. 2. ed. Lisboa, Editorial Presença.
- PLATÃO. (2008). *Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton*. Tradução de André Malta. Porto Alegre, L&PM.
- _____. Fédon. In: _____. *Diálogos*. 2. ed. (1979) Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo, Abril Cultural. (Os pensadores.)
- SCHÜLER, D. (2001). *Eros: dialética e retórica*. 2. ed. São Paulo, Ed. USP.
- TRABATTONI, F. (2010). *Platão*. Tradução de Rineu Quinalia. São Paulo, Annablume.

VLASTOS, G. (1991). "Socrates contra Socrates in Plato". In: _____. *Socrates: ironist and moral philosopher*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 45-80.